

Bresser discute dívida com Baker e Camdessus

JORNAL DO BRASIL 09 SET 1987

Roberto Garcia

Correspondente

WASHINGTON — O ministro da Fazenda será recebido esta manhã pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, para uma conversa a respeito da política econômica e da economia brasileira. Também em pauta estará a proposta que o governo Sarney deve fazer no fim do mês aos bancos privados internacionais sobre a reestruturação da dívida externa. No fim da tarde, Bresser Pereira deverá reunir-se com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus. Um bom entendimento com estas duas autoridades é essencial para o sucesso das negociações com os bancos.

Nessas negociações, o Brasil pretende fazer uma inovação sem precedentes, que é a transformação da metade da dívida em títulos com 35 anos de prazo para amortização e taxas de juros abaixo das predominantes no mercado. Dos ciclos anteriores de negociações das nações latino-americanas com os seus credores, tanto o governo americano quanto o FMI facilitaram acordos. Altos funcionários brasileiros esperam que o diálogo de Bresser com Baker e Camdessus crie um clima favorável para estas negociações.

Há vários temas importantes na agenda da reunião com o secretário do Tesouro, o primeiro

deles relacionado à moratória. Baker tentará sondar as intenções brasileiras para saber quando e em que condições o governo Sarney pretende reiniciar o pagamento dos juros. Como se sabe, no próximo dia 20 a suspensão do pagamento dos juros da dívida a médio e longo prazos completará sete meses. O governo americano precisa decidir que atitude tomar diante dessa moratória.

Se Baker achar que o Brasil realmente deseja pagar seus compromissos, poderá adotar uma posição flexível, para dar mais tempo ao governo Sarney a fim de aumentar suas reservas de divisas internacionais e superar problemas políticos internos. Do contrário, determinará estrito cumprimento das normas e o rebaixamento da classificação da dívida brasileira. Nesse último caso, seria mais difícil ao país obter um acordo com os bancos sobre novos empréstimos no futuro.

Um sinal de sucesso da viagem de Bresser será dado na quarta-feira quando a diretoria do Fundo Monetário Internacional discutirá um relatório feito por uma missão de técnicos a respeito da política econômica brasileira. Uma recomendação favorável, tanto do governo americano quanto de Camdessus, é considerada essencial para o apoio do FMI à política de Bresser.

A tarefa do ministro da Fazenda é considerada especialmente difícil. Bresser traz boas

notícias na área da balança comercial. Nos últimos meses o país conseguiu recuperar superávits substanciais no comércio exterior, que prometem a reconstituição do nível de reservas esgotadas no período do Plano Cruzado. Mas os resultados da batalha contra a inflação são menos claros. Mais obscuras são as possibilidades de Bresser controlar o déficit orçamentário. Avanços contínuos nessas duas frentes são vistos como indispensáveis tanto pelo Tesouro americano quanto pelo FMI.

O ministro da Fazenda também precisará explicar melhor a proposta de conversão da dívida em títulos. Alguns de seus assessores, como o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, reconhecem que as exposições feitas até agora dessa proposta geraram mal-entendidos que comprometem sua aceitação.

Milliet disse ontem ao JORNAL DO BRASIL que a equipe econômica nunca esperou aplausos entusiasmados à proposta por parte dos bancos credores do Brasil. "Por profissão, os bancos são conservadores e não gostam de inovações que possam prejudicar seus balanços trimestrais", explica Milliet. Apesar disso, ele argumenta que a proposta acabará sendo aceita porque é a melhor forma de resolver a crise da dívida. "Todos sabem que vamos viver com esse problema por muitas décadas e já chegou a hora de propor esquemas que permi-

tam aos países devedores crescer a despeito deles.

Na essência da proposta está a crença de que as taxas de juros continuam sendo de duas a três vezes maiores do que as predominantes nos primeiros 70 anos deste século, mas tendem a baixar, à medida em que os países industrializados ajustem suas economias. Embora a proposta brasileira implique prejuízos inicialmente para os bancos, enquanto as taxas de juros continuarem altas, quando elas voltarem a cair o Brasil voltará a ser um bom negócio para os bancos, disse um assessor do ministro da Fazenda.

O presidente do Banco Central ressaltou que o governo não abordará os bancos com imposições mas está disposto a conversar, adaptando os termos da proposta a fim de que ela atenda aos interesses dos credores. "Estamos até dispostos a compensar os bancos pelos prejuízos que eventualmente sofrerem no período inicial, mediante capitalização de juros a serem pagos no fim do período, daqui a 35 anos", disse Milliet.

Embora os membros da equipe tenham vindo diretamente do Brasil para Washington, o ministro da Fazenda chegou a Nova Iorque na noite de domingo, e só ontem à noite viajou para a capital americana. Bresser viu um filme, descansou a maior parte da segunda-feira, antes de embarcar para Washington e iniciar os preparativos para as reuniões de hoje.